ANO 1.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 1922 N.º 251

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFI[illegible]
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

RAUL Brandão leu há dias a um grupo de amigos, na séde da *Seara Nova*, a sua tragedia *O Gebo e a Sombra*. A impressão foi de que se trata duma obra de altissimo valor.

Quem tomará á sua conta a figura tortuosa, macabra e dolorosa que dá nome á peça?—preguntaram todos os presentes.

Logo lhes ocorreu este nome—Chaby Pinheiro. Se este ilustre actor quizer tomar sobre si uma responsabilidade que para os seus ombros não será demasiadamente pesada, é de crêr que na noite da «première» ele conquiste a sua corôa de gloria.

* * *

OS franceses continuam a ocupar-se de Molière, estudando-o em todos os variados aspectos do seu genio dramatico. Simplesmente ainda não conseguiram demonstrar a razão porque, entre todos os seus contemporaneos, ele foi o criador da comedia. Por mais que analisem o autor do *Misanthrope*, continuarão a ignorar o estranho capricho de que se serviu a natureza, atribuindo o privilegio de inventar e criar a um homem que vivia numa sociedade que se contentava com a admiração da antiguidade classica.

* * *

AINDA sobre a mitologica vinda do sr. dr. Afonso Costa á terra que por ele suspira:

Sr. director

Confirma-se o que lhe disse ante-ontem — o sr. dr. Afonso Costa não arreda pé de Paris. A Republica morre de saudades ou tem de salvar-se sem o concurso precioso do autor da *Lei da Separação*. Apesar de não admitir a existencia de milagres, receia que com ele aconteça o contrario do que se deu com D. Sebastião o desejado — ser comido pela propria lenda que o criou.

José da Esperança

* * *

A «ASSOCIAÇÃO Cristã de Estudantes» encetou a publicação dum orgão quinzenal—*Vida Nova*. O seu lêma é este—«Homens! Amai-vos uns aos outros como Jesus vos amou». Dirige-se a catolicos e protestantes, a religiosos ou descrentes. Embora o seu apêlo seja cheio de fraternidade, corre grande risco de não ser escutado, visto que, em Portugal, os intolerantes são tantos que ninguem os poderá contar.

* * *

NO congresso internacional de *maires* que se reuniu em Paris, Portugal foi representado pelo sr. Fausto de Figueiredo, que fez parte da comissão directora e mesa. Este facto demonstra que nós ainda temos sorte, visto a França ser uma terra hospitaleira e a nossa Patria não ser esquecida, mesmo pelos seus filhos que, sem remorsos, o podiam fazer.

* * *

JOAQUIM Guerreiro vai partir para a Argentina como jornalista. Como nós não o conhecemos senão pelos seus desenhos, alguns dos quais são bastante interessantes, seria conveniente que nos dissesse se porventura trocou o lapis pela pena.

* * *

A SR.ª D. Elena de Jesus Calado foi exonerada, a seu pedido, do logar de desenhador-fotografa do Laboratorio de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Ignorancia soberana

Dada a nossa empeçadissima crise, com mais enigmas e dificuldades que as cabeças da hidra de Lerna, era de esperar que, numa ocasião como esta, a discussão fôsse viva, ardente e apaixonada para se saber qual o rigoroso plano de governo que se havia de principiar a executar.

O sr. Cunha Leal vai-se embora e os que lhe devem suceder ainda não deram a perceber ao país que se acham na posse da sciencia e da competencia necessarias para dignamente regerem a coisa publica. Como as eleições não significam para o eleitor um nobre dever civico, os governos tambem entendem que não lhe devem dar explicações que a sua educação e as suas resumidas virtudes patrioticas não merecem.

O nosso sistema politico, viciado como está, em vez de ser uma concordia entre governantes e governados, resolve-se numa serie de desentendimentos em que o eleitorado, o parlamento e o governo se renegam uns aos outros.

O espirito de Judas tem conquistado muitos adeptos em Portugal!

O povo, que até tem de pagar as flôres de retorica dos tribunos que se consagram á sua libertação, apesar de ser investido em funções soberanas pelo estatuto constitucional, não consegue nunca saber nada ácerca do seu futuro. A verdade chega-lhe aos ouvidos por portas travessas.

A sua ignorancia, que é no fundo a unica razão da sua soberania, deixa-o na treva, á espera do primeiro caminhante—quasi sempre um intrujão—que o guie pelo bom caminho.

Constantemente lhe impingem embustes e mentiras. Ele acredita até que alguma alma caridosa o esclareça.

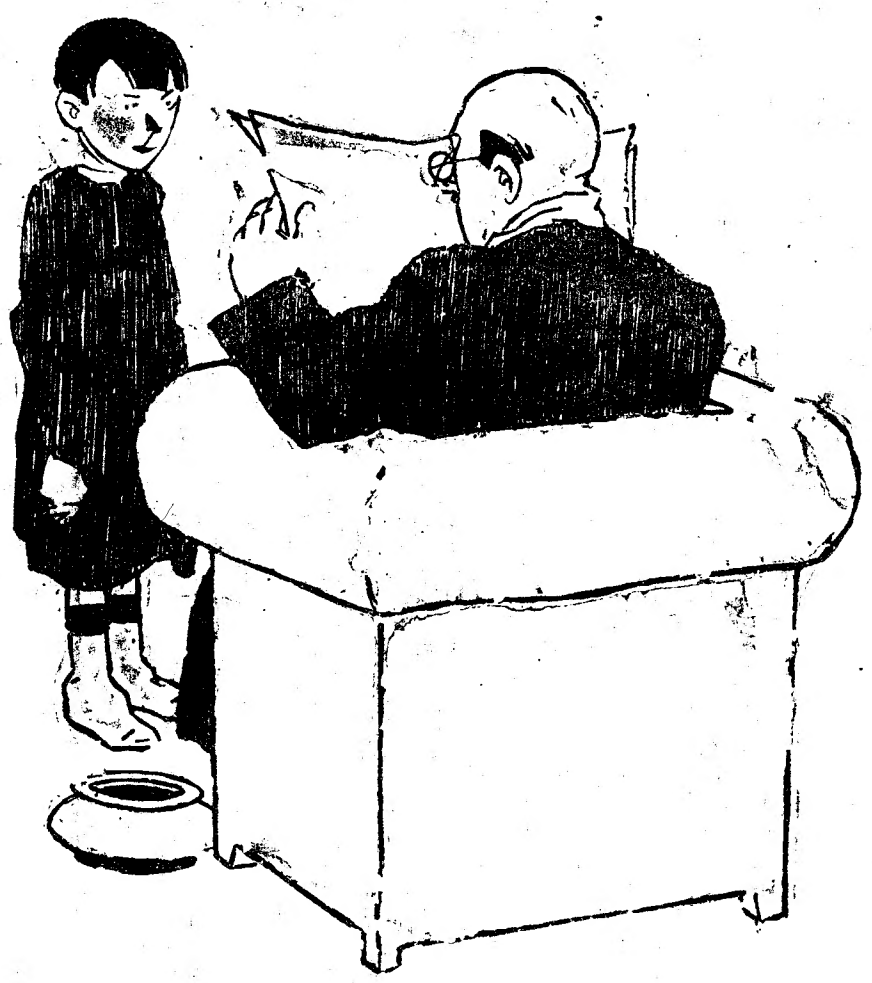
Ruge contra os maus apostolos, mas, como a credulidade lhe mora bem no intimo do peito, não se liberta deles.

Haja vista o que agora acontece.

Os males de que sofrêmos são dos tais que exigem remedio pronto, um tratamento energico. Os partidos não podem, patrioticamente, fazer outra coisa senão isto—oferecerem-se para todos os sacrificios.

Como, porém, não possuem a grandeza de animo que os resgataria de faltas e erros passados, entretêm-se a pescar nas aguas turvas—tão turvas que atravez delas se não descortina a imagem da Patria.

UMA DEFINIÇÃO



(Desenho de Stuart Carvalhais)

—O' papá! O que é um furacão?

—E' uma coisa que começa por muito vento, chuva, trovões e... acaba por festas de beneficencia.

NÃO obteve provimento o recurso apresentado por Landru da sentença que o condenou á morte. A guilhotina vai tomar conta do Barba Azul de Gambais.

Ele que fez desaparecer uma dezia de mulheres, matando-as e incinerando-as, tem que defrontar-se com a morte, quando, segundo dizem os jornais parisienses, a coragem lhe começa a faltar.

Depois de ter sido deshumano com as mulheres, que são fracas, chega a occasião de ele ser fraco com a morte que é inevencivel. Alguma vez Landru compreenderia o papel das suas vitimas.

* * *

NO parlamento francês, um deputado, o sr. Paul Reynaud, apresentou um projeto para que os oradores não possam alargar os seus discursos além de meia hora. Esperamos que os nossos parlamentares não sigam tão mau exemplo, pois muitos deles, cinco minutos decorridos, começam logo a tornar-se massadores. Então estes hão de contentar-se só com meia hora?

* * *

L'E Radical entrevistou em Paris o sr. Leote do Rego. Recortamos esta passagem:

—«O governo e a nova Camara têm que realizar uma obra enorme: compressão das despezas, diminuição da divida externa, larga utilização do credito interno, desenvolvimento da produção agricola para evitar a compra na Argentina, e outros países, de produtos alimentares.»

* * *

CONSTA-NOS que se vai organizar um grande partido republicano, havendo hoje para esse fim uma importante reunião de varias individualidades politicas, para apreciarem e discutirem o novo programa.

* * *

TENDO o governo romeno extinto a legação daquele país em Lisbôa, o sr. ministro da Romenia oferece na proxima segunda feira, no hotel Avenida Palace, um jantar ao sr. ministro dos negocios estrangeiros, partindo em seguida para o seu país.

* * *

FOI dissolvida a comissão de que faziam parte o coronel de engenharia do quadro de reserva, Francisco Maria Esteves Pereira e o capitão de mar e guerra Ayres Ferreira de Sousa.

* * *

DIZEM-NOS da Arcada que até ás 14 horas o sr. Presidente da Republica não recebeu qualquer resposta ao telegrama que dirigiu para Paris ao sr. dr. Afonso Costa, convidando-o para organizar ministerio.

* * *

A SR.ª D. Herminia da Camara foi nomeada, precedendo concurso, professora da escola primaria superior de João de Deus, de Lisboa.

* * *

RECEBEMOS o catalogo da *Camiliana* que deve ser vendida em leilão promovido pela livraria Morais. Os bibliofilos vão ter ocasião de provar que têm uma alma religiosa. Cremos que nunca se reuniram tantos livros e folhetos preciosos escritos por Camilo, inspirados nele ou por ele. Se o mestre resuscitasse e assistisse ao famoso leilão, talvez julgasse que com a sua efigie se podia cunhar moeda.

Magazine

A historia e a geografia não se entendem actualmente. Como ha dias, um eco dum jornal francês acusasse os geografos de não terem ainda construido mapas, segundo as determinações historicas posteriores á guerra, logo surgiu um geografo acusando a historia de o não deixar cumprir a sua obrigação.

Só as fronteiras entre a Siria e a Turquia foram limitadas: 1) pelo tratado de Londres; 2) pelo tratado de Sèvres; 3) pelo acordo tripastito; 4) pelo acordo turco-francês; 5)... provavelmente pelas novas negociações a que vão obrigar as reclamações inglesas.

Isto é um exemplo; já não se fala do Estado Livre da Irlanda, da Alta Silesia, da Turquia e da Grecia, de Vilna, etc.

Emfim, neste conflito, a geografia respondeu á historia que estava á espera de que esta désse a ultima palavra; de outra sorte, para ter os atlas certos, precisaria de os modificar todas as semanas.

* * *

Parece que os Papas, não obstante o supremo poder espiritual de que gozam, e da correspondente responsabilidade, consideram muito mais dificil ter nas mãos o poder temporal, pelo menos nas circunstancias que actualmente rodeiam os governantes.

Pio X, disse uma ocasião em que diante dele se falava destes dois poderes:

—Meu Deus! o que havia eu de fazer perante uma greve de varredores municipais?

* * *

«E de Paris, minhas senhoras, directamente de Paris, que importamos a seguinte novidade importantissima:

Rebentou uma revolução! As senhoras não querem obedecer ás prescrições das grandes costureiras, que se inclinam perante o capricho das suas clientes.

Assim, cada senhora imprime livremente á «toilette» a sua fantasia e capricho.

Parece que onde a sua teimosia tem sido mais tenaz tem sido nas saias. Resistem e não aceitam por forma alguma as horriveis saias compridas que elas vêm pretendendo impôr em vão, ha uns tempos para cá.

Qual é a senhora que se não porá ao lado das senhoras de Paris nesta luta?

As saias compridas, e já não dizemos as saias que elas quereriam impôr em seguida aquelas, são tudo que ha de mais anti-estetico, incomodo e pouco higienico.

As Marionettes

A celebre creação de Palmira Bastos no Cinema Condes

Está ainda na memoria de todos o que foi a soberbá creação de Palmira Bastos nas *Marionettes*, a encantadora comedia de Pierre Wolff, que fez no nosso teatro uma brilhantissima carreira. Pois esse esplendido *film* foi extraido da adoravel comedia dramatica e será hoje estreado no Condes na interpretação soberba de Clara Kumball, sendo curiosissimo seguir em confronto o admiravel trabalho das duas grandes artistas.

Do programa fazem tambem parte os dois primeiros episodios da *Soberana do mundo*, creação da grande actriz alemã Mia May, o mais maravilhoso *film* de aventuras e misterio que entre nós tem aparecido.

A engraçadissima comedia *Faty apaixonado*, e outros *films* comicos e dramaticos completam o soberbo programa de hoje, a que vem juntar-se um dos melhores concertos da temporada pelo magnifico sexteto do Condes.

— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?

Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.

FARMÁCIA FORMOSINHO:

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

OS NOSSOS ARTISTAS

A PINTURA DE ALBERTO SOUSA

"A sua maneira, isenta de "ficelles", é de um extraordinario poder descritivo"

O que é e o que vale a exposição do Museu do Carmo

Ha anos já, que no edificio do Museu Arqueologico, nas velhas ruinas do Carmo, Alberto Sousa, o pintor arqueologo, tem feito uma exposição dos seus trabalhos, aguarelas de mestre, de mestre artista, na verdadeira acepção da palavra.

E todos os anos, aquele derruido convento, delicioso ambiente para os cartões do artista, se enche de um publico escolhido de apreciadores de arte, que vai admirar os seus trabalhos e, disputar-se os seus quadros, obras-primas de tecnica e sentimento artistico.

A exposição deste ano acaba de abrir ao publico.

Nós fomos tambem lá, mas, antes de falarmos dela, quero primeiro falar-vos do artista, da sua obra e da sua maneira.

Alberto Sousa é hoje, senão o primeiro, pelo menos, um dos primeiros Mestres da Aguarela.

A seu lado só vejo possam enfileirar Roque Gameiro, o delicado ilustrador das «Pupilas do sr. Reitor», e esse moço cheio de genio artistico e de intuição pictorica que é Leitão de Barros.

Mas o que é inegavel é que o mais português dos artistas da aguarela é Alberto Sousa.

A pintura dos dois outros artistas que citei pode-se filiar neste ou naquele genero, pode-se-lhe encontrar similitude com um ou outro aguarelista estrangeiro. Assim a aguarela de Roque Gameiro se ressente das caracteristicas de todos os ilustradores e a de Leitão de Barros, mais larga e subjectiva, mais impressionista e sentida, nos dá ás vezes a ideia dos cartões de Dumer e dos seus discipulos.

A pintura de Alberto Sousa é, não só muito pessoal e caracterizada, como tambem repassada de um colorido total, de cambiantes de luz interessantissimos.

Depois, a escolha dos assuntos, o carinho com que são tratados, o dom do artista em nos exprimir aquilo—o aquilo, indefinivel—que mais profundamente o impressionou na paisagem, torna as suas aguarelas uns apontamentos encantadores da nossa terra.

Por todo o Portugal ele vai com a sua paleta, em busca do tema sempre belo, sempre magestoso e poetico em que o seu pincel nos faça, milagreiro, reviver passados tempos ou evocar grandezas de velhos castelos e conventos.

São agora as ogivas das catedrais de Lisboa e Coimbra, os muros esverdeados de paços medievais, são os solares e os monumentos de Viseu e de Evora, os casais graniticos das Beiras, as casas soalheiras do Minho, os seus vergeis, as suas povoações alegres e quentes sob a luz do meio dia. Arqueologo, antiquario, pintor, Alberto Sousa revela nos seus trabalhos uma grande condição e um grande amor pela sua arte.

Pintando em largas aguadas, sem esforço, senhor da sua técnica, o seu pincel vai buscar intuitivo, ao prisma rico da paleta, a tonalidade que melhor *pinta*.

A sua maneira, isenta de «ficelles» é de um extraordinario poder descritivo e a sua arte, simples, despretenciosa, é para todos, todos a alcançam e compreendem.

No animo do artista nunca existiu a preocupação da originalidade, nunca Alberto Sousa quiz—fazer raro—porque faz sempre bom.

O colorido, onde o tom verde domina, não se presta aos assuntos alacreantes de apoteoses de luz, mas, como nenhum outro, êle se adapta e harmoniza com os assuntos predilectos de Alberto Sousa.

Os seus cartões impressionam-nos e fazem-nos vibrar de um sentimento muito especial, onde há qualquer coisa de mistico, como se estiveramos diante das paginas iluminadas de um missal antigo, onde se rezasse o culto da pedra, o ritual das ruinas.

Na exposição deste ano, Alberto Sousa apresenta-nos trinta e quatro aguarelas onde se desenrolam, como num panorama, aspectos pinturescos colhidos de norte a sul do país.

O artista mantem-se, na sua técnica impecavel, tentando, talvez, realizar mais côr, a dentro da sua maneira de sentir e executar.

Como sempre, onde sobre tudo eu mais admiro o seu genio, é na faculdade de trabalhar os detalhes, sem cair na minuciosidade e na mesquinhez.

Exemplo, o interior da Sé (Viseu), e o «bric-à-brac», onde a difusidade da luz é perfeitamente sentida e expressa, e todos os detalhes arquitectonicos dos outros quadros onde apareçam cimalhas e molduras lavradas que o artista cuidadosamente observa e pinta, mas por manchas bem estudadas de claro escuro, que não irritam nem nos cansam.

O n.º 7, «Casa quinhentista na rua Escura», é, para mim, das melhores aguarelas que tenho visto. No primeiro plano, uma figura de mulher, cheia de vida e movimento.

Depois a rua. A rua estreita sobre que abrem as janelas de arco abatido e as portas de pezadas almofadas e de cimalhas altas, rendilhadas.

E sobre todo o quadro, pairando como uma benção, o carinho, o amor com que o Mestre tratou assunto tanto de seu gosto é feitio.

Da Ericeira, os n.os 11 e 21, foram os que mais especialmente notei.

No 21, sobre tudo, a atmosfera é admiravel. Sente-se que por detrás daquele muro ha o abismo e ha ar.

Estes dois quadros, juntamente com os n.os 3, 25 17 e 11, são daqueles em que o colorido é mais violento, mais quente e mais acidentalmente tratado por Alberto Sousa.

13 e 23, são duas marinhas, cheias de qualidades, inegavelmente, mas que se nota não estarem dentro das predilecções e tendencias do artista.

O quadro de Olhão é uma tentativa em que Alberto Sousa nos mostra que se pode interpretar bem um assunto que se não sente.

Em resumo, a exposição de Alberto Sousa é uma esplendida manifestação de arte, que não desmerece das anteriores, antes mais firma e consolida o renome merecido do expositor.

Alberto Sousa expõe tambem um desenho.

Desenho cuidado, sem a rigidez que ás vezes se nota nas suas aguarelas.

Mas este senão deve talvez ser considerado um merecimento, se atendermos ao que ele nos indica: que Alberto Sousa sabe desenhar, numa epoca em que a Academia o não sabe ensinar.

João de Lemos

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"

CIMENTO ALSEN

EM BARRICAS DE 180 QUILOS

SEMPRE EM ARMAZEM

Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 509 Londres—56, Ludgate Hill

TELEPHONE, C. 861

Fornecedores dos Restaurants da Companhia Wagons-Lits

JOSE DE PINHO COSTA & C.ª (F.º)

Especialidade em dôces e em chocolates nacionaes e estrangeiros

69, RUA DA BETESGA, 73—LISBOA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Joana Chaves Hintze Ribeiro, D. Maria José Falcão Temudo, D. Constança Luisa de Lencastre Bastos, D. Ema Veiga de Araujo, D. Isabel Maria da Gama Berquó, D. Ana Fuschini de Lima Mayer e D. Flora de Oliveira São Marco.

E os srs.:

Conde de Arrochela, visconde de Paço de Nespereira (José), Antonio Maria de Vasconcelos Porto, dr. José Peixoto Pereira de Vasconcelos Corte Real, dr. Jorge Raposo, Francisco Maria Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão), Henrique José Monteiro de Mendonça, Antonio Manzoni de Sequeira, Roberto Burnay, José Amado, Fernando Van-Zeller e João Carlos Henriques.

Baptisados

Na paroquial igreja de Arroios, realizou-se o baptisado de uma filhinha da senhora D. Palmira Pereira Ruas da Costa e do sr. Artur Ruas de Gama Lobo da Costa. A gentil criança recebeu o nome de Alda, tendo servido de madrinha sua tia a senhora D. Alexandrina Rodrigues Ruas da Costa e de padrinhos seu tio o sr. Alves da Costa Pereira e o sr. José Mendes Coelho.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Assistencia elegante á recita de ontem, sexta de assinatura extraordinaria, na qual se cantou pela primeira vez esta epoca a opera «Parsifal»:

«Madame» Crecino, «madame» Belford Ramos, «madame» Mozer Gazerra, marquesa da Praia e Monforte (D. Maria Ana), condessas de Alferrarede, de Valenças e filha, da Louzã e filha, do Ameal e de Pinhel (D. Dolores), D. Isabel O'Neill, D. Luisa Cabral Metelo Pisto Barreiros, D. Luisa de Vasconcelos Cabral, D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e filhas, D. Eponina Mackee, D. Fanny Davidson Perestrelo da Vasconcelos e filha, D. Maria Teresa Pressler Pinheiro Chagas e filhas, D. Angela Pinto Leite Carvajal (Ximenes y Molina), D. Maria de Saude Aires de Campos (Ameal), D. Maria Teresa de Lima Maier de Magalhães, D. Maria Benedita Osorio da Rocha e Melo e filhas, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Maria Antas de Oliveira Reis, D. Beatriz Loureiro do Espirito Santo Lima, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Camilia de Paiva Raposo e filhas, D. Maria Antonia Tedeschi Planido e filhas, D. Teresa Burnay de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Julieta Vaz Bernaud Alves, D. Maria Luisa Procença, D. Maria de Lourdes de Sousa de Macedo Sassetti, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Susana Garcia Sagastume, D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi.

D. Beatris de Sousa e Faro de Aguiar, D. Georgina de Mendonça, D. Palmira da Costa e Silva, D. Margarida de Almeida Artagão e filha, D. Deolinda Rosa da Fonseca, D. Maria Amelia Ayres de Campos de Barros Menezes Moreira, D. Maria Rosalina Viana Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Judite Maia de Carvalho, D. Lidia Maia Cabeça, D. Tereza Perestrelo de Orey Ferreira Pinto Basto, D. Maria Margarida da Mota Canavarro Fernandes Costa, D. Maria Candida de Campos Henriques de Almeida Eça, D. Maria do Espirito Santo de Melo, D. Maria Cohen do Espirito Santo Silva, D. Maria Julieta da Costa Silva de Moura Barbosa, D. Josefina Neves Ferreira Cancela de Abreu, D. Rosa Barroso de Morais e filha, D. Maria de Castro Cid, D. Bela James Esteves da Fonseca, «madame» Luiz de Freitas Branco, D. Eduarda da Costa Cabral, D. Marieta e D. Alzira de Barros Pereira de Carvalho, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha, D. Maria Inez de Miranda Alçada, D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Raquel Vieira de Matos, D. Corina de Carvalho Megre, D. Claudina Vieira de Silva de Campos, D. Carlota Correia de Sá (Asseca), D. Maria de Lancastre (Louzã), D. Elizabeth Pressler, D. Oliva Guerra, D. Maria Silveira Santana e filha, D. Margarida Moutela, «mesdemoiselles» Castro, etc., etc.

Agenda

A nossa sociedade «smart» dará ámanhã «rendez-vous» em S. Carlos, setima recita de assinatura extraordinaria, com a opera «Parsifal», e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

Em viagem

Acompanhada de suas gentis filhas, regressou das suas propriedades á sua casa na Foz do Douro a sr.ª condessa de Bettencourt.

—Com sua esposa, a sr.ª D. Maria de Almeida da Mota Marques e seu gentil filhinho Fernando, regressou do Porto o nosso colega de redacção sr. Carlos Alberto Pimentel da Mota Marques.

—Regressou a Braga, da sua quinta de Ronffe, o sr. conde de Vila Pouca.

—Com pouca demora, esteve em Guimarães o sr. Pedro Guimarães.

THEATRO SÃO LUIZ

EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

Concertos BLANCH

Domingo, 5 — Matinée ás 3 horas da tarde

9.º CONCERTO D'ASSINATURA

da

ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

no qual toma parte a eximia pianista

D. IRENE GOMES TEIXEIRA

PROGRAMMA—1.ª PARTE

I — Synfonia Incompleta — Schubert
a) Allegro moderato
b) Andante com moto

II — Don Juan, poema synfonico — Dr. Strauss

2.ª PARTE

III — Concerto em sol menor — Saint-Saens para piano e orchestra

Piano — D. IRENE GOMES TEIXEIRA

3.ª PARTE

IV — Manfredo, entreacto — Reinecke

V — Benvenuto Cellini, ouverture, 1.ª audição — Berlioz.

A orchestra é augmentada conforme as exigencias das partituras — Bilhetes á venda.

... Leilão de Automoveis ...

Aos que pretenderem adquirir um bom automovel, em vantajosas condições lembramos a conveniencia de aproveitarem o proximo leilão do dia 5 de Fevereiro na BOLSA AUTOMOBILISTA DE LISBOA, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 122, onde poderão ser examinados desde o dia 1 de Fevereiro.

EPISTOLARIO

Uma carta do grande escultor e... poeta

Joaquim Machado de Castro

oferecendo um seu livro a João Lourenço de Andrade e mostrando alevantadamente o seu nobre caracter

Uma nota de Henrique de Campos Ferreira Lima

Este notavel escultor e estatuario, autentica gloria das artes portuguesas, nasceu na cidade de Coimbra a 19 de junho de 1731 e morreu de idade avançada em Lisboa a 17 de novembro de 1822, em pleno regime vintista, sendo sepultado na igreja dos Martires, ali ao Chiado.

Foi cavaleiro professo da ordem de Cristo, professor e director da Aula Régia de Escultura e socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

A sua obra mais conhecida e que lhe grangeou universal renome é o monumento a D. José I e... ao seu primeiro ministro, que todos nós, quasi diariamente, admiramos no grandioso Terreiro do Paço.

A maior parte dos estrangeiros que têm visitado esta capital faz as mais encomiasticas referencias a este belo monumento que—caso vulgar—tambem teve os seus detractores, como o botanico alemão Henrique-Frederico Link, que, em viagem de estudo, entre nós demorou de 1797 a 1799, tendo as suas opiniões sido refutadas pelo bispo do Algarve *D. Joaquim de Santana Carvalho*.

Todos conhecem as incomparaveis esculturas em barro, modeladas por Machado de Castro para animar os diversos presepios que ainda enriquecem o nosso espoliado patrimonio artistico e as suas formosas imagens religiosas em madeira e pedra que existem em diferentes logares, como a de N. S. da Encarnação, na igreja da mesma invocação, e outras.

Machado de Castro foi tambem um escritor de merecimento em assuntos artisticos. Além da *Descrição analitica da execução da estatua equestre* a que se refere a carta datada do Tesouro Velho, abaixo reproduzida segundo o original da nossa colecção e dirigida a um tal João Lourenço de Andrade, carta em que *modestamente* alude ao seu Talento (com T maiusculo), publicou outros trabalhos: *Carta que hum affeiçoado ás Artes do Desenho escreveu a hum alumno de Escultura para o animar a perseverar no seu estudo* (2 edições); *Discurso sobre a utilidade do Desenho; Analyse grafic'orthodoxa; Memoria historica sobre a Estatua Equestre do Senhor Rei D. José I* (no *Jornal de Coimbra*) e *A El-Rei D. João VI N. S. oferece o Amor e a Lealdade o incluso projecto para se erigir huma estatua pedestre na presente Corte do Rio de Janeiro*, etc., trabalho não mencionado em nenhuma bibliografia e de que apenas se conhece o exemplar que pertence ao nosso amigo sr. dr. Xavier da Costa.

Tambem foi poeta, como mostrou no rarissimo *Elogio ao sr. F. Vieira Lusitano, Cavaleiro professo na Ordem de S. Thiago, dignissimo Pintor*, de quem, neste curioso «Epistolário», já veiu uma interessante carta; *Ao Rei Fidelissimo D. José I, N. S. colocando-se a sua colossal Estatua Equestre na Praça do Comercio. Ode por J. M. de C, estatuario da mesma regia estatua e de toda a escultura adjacente*, ode esta que pertence á chusma de versalhada a que deu logar a inauguração do momumento; etc.

Há um retrato de Machado de Castro feito por Maximo Paulino dos Reis, já citado neste «Epistolario» quando nele se publicou uma carta deste pintor, e reproduzido no vol. 2.º da *Lisboa Antiga*, de Julio de Castilho, segundo a aguarela original pertencente ao nosso amigo sr. Martinho da Fonseca.

Tendo dito estas breves palavras sobre o insigne Machado de Castro, não podemos deixar de nos referir a Bartolomeu Lourenço da Costa, que, habilmente, fez fundir de um só jacto a estatua em bronze de el-rei D. José, cujo modêlo, em gêsso, existe ainda na extinta Fundição de Canhões, a Santa Clara. Mas o melhor é copiarmos as palavras de Machado de Castro ácêrca do seu colaborador, na *Ode* citada: «O brigadeiro Bartolomeu da Costa, homem raro, que a mão do Omnipotente quiz produzir para crédito da Nação Portugueza, merecedor de que todos se empenhem em louvá-lo, eu o espero fazer em obra mais digna, atrevendo-me a dizer (sem temeridade) que, entre os maiores louvores, que se lhe derem a este respeito, não devem os que eu preferir ter o menor logar, porque tenho mais razões para conhecer o primôr, como a Fundição exprimiu tudo quanto a Escultura fez».

Foi tambem o grande artista director dos estudos da Academia do Nu, em cuja inauguração, em 24 de Dezembro de 1787, na Casa Pia, então estabelecida no Castelo de S. Jorge, recitou o *Discurso* a que aludimos. A esta inauguração se refere uma gravura de Matos, que possuimos, e na qual se lê: *Composição do Gruppo Allegorico de figuras vivas, que em 24 de Dezembro de 1787 serviu de exemplar na Aula de Nu, inventado e desenhado pelo Escultor de Sua Magestade Fidelissima, Joaquim Machado de Castro.* No prologo do *Discurso* vem explicada esta composição.

Sabemos que, além do sr. dr. João da Fonseca, possui cartas do grande artista conimbricense o nosso amigo sr. dr. Manuel Ferreira Cardoso. Seria interessante publicar, devidamente anotada, toda esta correspondencia.

Henrique de Campos Ferreira Lima

Sñr. João Lourenço de Andrade

Constando-me não ter V. M.ce visto a «Descripção Analytica da Estatua Equestre», q. escrevi p.a abrir os olhos aos meus Nacionaes; q. aos Estrangeiros não: havendo estes m.tos annos antes, escrito «cum laudem», daquella Peça, sem roubarem o nome a seu verdadeiro Author; eu me animo a oferecer a V. M.ce hum volume da dita Obra, pedindo-lhe perdão da minha ousadia, e o favor de passar pela mortificação de a ler toda: especialm.te no «Apendice ao Discurso Preliminar»; pag. XXXIII, aonde se vê o cumulo da m.a Infelicidade, q. ainda continua da mesma sorte. ¿E porquê?

Por q. eu não quiz nunca (nem quero) affastar-me da estrada da honra; e sempre detestei, e detesto, a Impostura!

E ainda que do meu Talento não contenha a d.ta Obra cousa alguma q. mereça esse incommodo, encerra em sy, não obstante, m.ta cousa de Engenhos Superiores, q. lisongeão a curiosidade.

Não quiz fazer-lhe ésta remessa por mão de Criado, para ir com mais decencia: e como as minhas molestias me impedem o ir pessoalmente, vai hum Discipulo meu cumprir este obsequio em meu lugar; por se reputarem os Discipulos, filhos de seus proprios Lentes.

Na impressão de tal Obra, succedeo o q. acontece a quasi todas; q. he terem erros d'Imprensa. Na ultima folha vão notados os mais notaveis, com suas emmendas; e os menores, deixey os à reflexão dos Leitores discretos, como he o Sñr. João Lourenço de Andrade, a q.m D.s g.de m.s ann.s Thesouro-Velho 2 de Setembro de 1814.

De V. M.ce
cri.do m.to attento

Joaquim Machado de Castro

POLITEAMA
Telef. C. 1028 A's 21,30
A peça de extraordinario exito
A 8.ª mulher do Barba-Azul
Notabilissima interpretação de Lucilia Simões
DOMINGO, 5—10.º concerto de assinatura, pela
Orquestra Sinfonica de Lisboa
sob a regencia do maestro FERNANDES FÃO

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
HOJE — Extraordinario exito
A comedia de
ANDRÉ BRUN
O JUIZ DE FORA
Noite de gargalhada
Estão suspensas as entradas de favor

Nacional Telef. C. 2049 O maior de todos os exitos
A peça mais querida
O Centenario
Epoca de Carnaval
5 — Bailes de mascaras — 5
Espectaculos com peças escolhidas
Bilhetes á venda

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE — ás 20,45 (8 3/4) — HOJE
Espectaculo de accionistas — Magnifico programa da
Grande Companhia de Circo
EXTRAORDINARIAS ATRACÇÕES
SEMPRE NOVIDADES
O melhor, mais variado e mais barato espectaculo de Lisboa

HOJE
O TOUREADOR
— NO —
AVENIDA
Estão suspensas as entradas de favor

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A alma das coisas

Nestes dias em que a chuva é melodiosa como um motivo musical, muito lirico e muito sustenido, a alma das coisas revela-se em côr, sons, linhas que jámais nossos olhos viram. Porque, acreditem, uma arvore cheiinha de sol doirado, como um favo gotejante de mel e de aroma; a curva dum muro que se perde na dobra dum caminho encantado de melancolia que nenhum verso ainda soube rezar; não teem muitas vezes para a nossa alma a tinta de emoção que estiliza a saudade, numa palavra banal, mas profunda, mas sincera. Não é a natureza ou a vida que se revela a nossos olhos; são êles que a buscam, que a procuram, que a exaltam. O grande pintor não é o sol: é a hora. Aquela hora crepuscular, recolhida, sem palavras em que a alma tem azas e ganha horizontes, em que o azul é imenso e sem estrelas.

Quantas coisas se viram sem se vêrem! E' o retrato de mulher que está em cima da nossa meza e que tem um sorriso, mais claro que a agua das fontes e as flôres da primavera; a rua parda, de predios monotonos, que ao contacto do silencio tem sofrimento e chora; as arvores e os lagos dos jardins; um coração escondido que se rasga no sofrimento, para que dele irrompam pétalas de beleza.

E tudo isso se viu, sem emoção, sem recolhimento. Se a alma não falou! Mas um dia, um dia triste como este, todas essas coisas vivem, latejam; em todas elas, nossos olhos partem á descoberta, e de cada uma delas nasce um mundo de imagens.

E' tarde, lá fóra a paizagem treme de frio; por todos os caminhos que a terra tem andam peregrinos. Quem sabe, se a esta hora, meu amôr, o teu amôr não morreu já, cansado e triste...

Artur Portela

A esquadra inglesa

saiu hoje do Tejo

O INCIDENTE DO DIA 31 DE JANEIRO

A proposito do incidente por causa dos navios da esquadra não embandeirarem de gala no dia 31 de janeiro ultimo, sabemos que, no dia 30, foi a bordo do navio chefe da esquadra inglesa um oficial da nossa armada fazer o convite para nos acompanhar nessa manifestação de gala, vindo mais tarde á majoria general um oficial inglês comunicar que a esquadra não podia acompanhar os navios portugueses nesse embandeiramento em virtude de não vir na sua lista de bordo essa determinação, terminando por pedir desculpa de não poder aceder ao convite que lhe foi feito.

S. JULIÃO, 3.—Sairam a barra os quatro ruzadores inglezes que estiveram no Tejo.

BOLSA DE LISBOA

CAMBIOS

DIA 3

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	63$000	65$000
Londres, cheque	4 1/4	4
» 90 d. v.	4 3/8	—
Rio Londres	7 9/32	—
Paris	1$100	1$160
Itália	$606	$644
Bélgica	1$048	1$114
Suiça	2$502	2$722
Espanha	2$003	2$129
Berlim	$060	$070
Holanda	4$868	5$172
Nova-York	13$147	13$968
Austria	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	—	—

PELOS DESAMPARADOS

Dez mil pobres que a Assistencia protege

Ha falta de edificios!

10:000 indigentes que a falta de recursos não deixa asilar!

Historia complicada de uma herança!

O "Diario de Lisboa" entrevista o sr. Pais Abranches, provedor da Assistencia Publica de Lisboa

A probreza, isto é, a chaga social, como diria qualquer sociologo de brochura barata, não tem em Portugal a assistencia que deveria ter. Nota-se, entre nós, uma diminuição de carinho e de beneficencia para com os pobres. A Assistencia Publica, o grande organismo do Estado que engloba recolhimentos, refugios, asilos, mendicidades, internatos, maternais, cantinas e creches, vive hoje exclusivamente dos dinheiros que lhe dão os governos. Ha sempre um *deficit*; fazem-se sempre orçamentos suplementares, porque dificil é, neste tempo, em que tudo sobe, fixar uma quantia exacta, que, sem parcelas alteradas, chegue para um ano.

Fala o sr. Pais Abranches, provedor da Assistencia Publica desde agosto de 1920:

— O que aqui falta principalmente é a benemerencia particular...

— Bancos, companhias...

— Não dão nada! Em tempos fiz 365 circulares que dirigi ao comercio e aos banqueiros. Como resposta obtive oito contos. Mandei-os devolver porque não chegavam... Essas pessoas diriam ámanhã, se não lhes tivesse devolvido o seu dinheiro, que sustentavam a Assistencia.

E dito isto, o sr. Pais Abranches socorre-se das suas estatisticas para afimar.

— As lotações das casas de asilagem estão completas. Não tenho um unico logar. Daí inconvenientes. Queria eu, por exemplo, que não fossem internadas no Refugio, que não é uma casa modelar, as criancinhas pobres. Era preciso que os tuberculosos, os cancerosos, os avariados não vivessem com os sãos. Os doentes em casas especiais, isolados.

Para frizar — segundo a frase do sr. Pais Abranches.

— O sr. dr. Ary dos Santos ofereceu-me os seus serviços como especialista de doenças de garganta e ouvidos. Assim poude montar um posto de socorros aqui na Provedoria que já tem muito material, graças aos pedidos do dr. Ary.

— Quantos pobres protege a Assistencia?

— Dez mil pessoas por dia... Subsidios, passagens gratuitas nos caminhos de ferro; sopa que distribui em 35 locais, subsidios a cantinas, a creches e a asilos particulares.

— Tem então uma grande população?

Consulta de estatisticas. Depois:

— 3.266 pobres distribuidos por asilos, internatos, maternais, etc., etc.

— Ha um rendimento...

— Pequeno: 360.836$62 E já agora deixe-me que eu lhe diga a despesa: 1.529.951$02. «Deficit»: 1.169.114$40.

—Como vive a Assistencia nesse caso?

— Simplesmente com o auxilio do Estado. Mais um numero: 5.157.583.

— Que representa...

— O total da despesa que fazemos por ano.

— E ha ainda tanta pobreza...

— Era preciso asilar dez mil pessoas; criar asilos especializados; darem-me edificios... Ora veja: o edificio do Calvario, onde estava instalada até ha pouco a Escola Normal pertencia á Assistencia... Um dia começaram a dizer que andava no travejamento a formiga branca e ninguem queria para lá ir... Instalou-se a Escola que está agora em Bemfica, mas nem por isso o edificio foi entregue á Assistencia...

— Descura-se um pouco os seus interesses...

— Por vezes. Ha tempos tive que pedir um mês de licença porque não tinha o apoio das entidades que mo deviam dar... Outro ponto ue eu lhe pedia para frizar... Por vezes apparece-me aí um policia com um alienado, pretendendo interná-lo. Pregunto-lhe: «Porque é que o manicomio não o aceitou?». Resposta: «Não tinha vaga; mandaram-no para aqui». Dantes, quando havia logar aceitavam-se os alienados. Daí resultou que em todos os asilos existe uma percentagem enorme de tarados, principalmente no da Mendicidade...

— Que tem feito v. ex.ª?

—Alguma coisa. Quando tomei posse do meu logar ninguem fiava cinco réis á Assistencia. Comecei a comprar a pronto pagamento, satisfiz uma conta importantissima de pão que deviamos á Manutenção; nomeei uma comissão de compras... A comissão reune e aprova a proposta mais barata e que dá mais garantias de segurança...: Hoje a Assistencia tem as suas contas em dia e com o dinheiro que lhe dá o Estado tem uma vida relativamente desafogada...

—Mas é preciso mais dinheiro...

—E', para intensificar a Assistencia...

O sr. dr. Pais Abranches mostra-nos varios mapas com as despesas dos estabelecimentos da Assistencia.

—Um dos que gasta mais é o da Mendicidade. Por vezes nota-se uma má administração, que eu tenho tratado de remodelar. Fazem-se sindicancias, mas quem nomeia os sindicantes são os sindicados. Isto não pode ser!

—Sr. Pais Abranches: lemos outro dia no *Seculo* que o sr. João Barral, ha pouco falecido, comtemplou, respectivamente com 2:000 e 1:000 libras, sr.as D. Angela de Jesus Alves e D. Palmira Xavier, professoras do Asilo Almirante Reis, com a condição de que as legatarias cederiam ao Asilo sessenta contos... E' verdade?

—Essa condição foi manifestada verbalmente...

—Não ha testamento...

—Não! Essas senhoras deviam cumprir os desejos do falecido, tanto mais que uma foi educada nesse asilo. Mas não o querem fazer. A benemerencia!...

—Ha muitas sindicancias?

—Essas professoras de que me falou estão sendo sindicadas. Não se compreende que não tenham cumprido os regulamentos e que, com o ordenado de setente escudos, vão para o asilo de automovel e uzem vestidos caros, joias, colares... Esta ostentação produz um pessimo efeito moral nas crianças que educam... Mas o que quere! são os sindicados que nomeiam os sindicantes!... Estas professoras conseguiram tambem arranjar um sindicante qualquer... E diz-se, não sei... que esse tal Barral gastou uns doze contos para que a sindicancia... O Refugio tambem está sendo sindicado, mas por pessoa de toda a categoria e respeitabilidade...

—Quem?

—O sr. Roque de Arriaga. Não permito esbanjamentos, não quero que os asilados estejam em peores condições de que estavam quando foram internados. Crianças mal vestidas? Mal alimentadas? Não!

O sr. Pais Abranches levou-nos depois a visitar os armazens da Provedoria. Não estão muito cheios, necessario é confessá-lo, mas tudo quanto lá está é bom.

E para fechar, em frente de uma saca de açucar:

—Dantes tinhamos açucar de graça. As companhias eram obrigadas a dar-nos umas tantas toneladas por mês, mas agora, desde que foi decretado o comercio livre, entenderam que não valia a pena. Só temos açucar até ao mês de Março... Depois será preciso comprá-lo.

UM DECRETO

Como vai ser reorganizada a Policia de Segurança

O sr. governador civil FICARÁ

com a direcção da nova Policia de Defesa Social

Deve ser publicado ámanhã no «Diario do Governo» o seguinte decreto, que reorganiza a P. S. do E.:

Considerando que a Policia de Segurança do Estado é de confiança do governo, a este portanto competindo dar-lhe uma organização que mais se harmonize com os fins para que a mesma policia foi criada;

Considerando que se torna de necessidade fazer algumas modificações á actual organização da Policia de Segurança do Estado, modificações essas aconselhadas pela pratica dos serviços daquela policia;

Atendendo ao disposto no decreto n.º 5367 de 7 de Abril de 1919 que transformou a policia Preventiva no corpo de Policia de Segurança do Estado;

Hei por bem sob proposta do ministro do Interior e nos termos do n.º 3 do artigo 47 da Constituição Politica da Republica Portuguesa decretar o seguinte:

Artigo 1.º A policia de segurança do Estado passará a designar-se por Policia de Defesa Social, a qual fica imediatamente subordinada ao ministerio do interior com as atribuições consignadas no artigo 2.º do decreto n.º 5.367, de 7 de Abril de 1919, com referencia aos artigos 64.º a 72.º do decreto n.º 4.166 de 27 de Abril de 1918.

Art. 2.º A direcção dos serviços da Policia de Defesa Social ficará a cargo do governador civil de Lisboa, que será o director da mesma policia.

Art. 3.º Junto do director da Policia de Defesa Social haverá um sub-director que superintenderá em geral, em todos os serviços da mesma policia, sob as ordens e inspecção do director e, em especial, na instrução dos processos.

§ unico—A nomeação do sub-director recairá num bacharel formado em Direito, da confiança do governo e nomeado pelo ministro do Interior, devendo a sua remuneração ser variavel e fixada pelo director, dentro da respectiva dotação orçamental.

Art. 4.º — O director da Policia de Defesa Social terá como auxiliares de caracter permanente, de livre nomeação e confiança do Ministerio do Interior, dois adjuntos, que terão a seu cargo, um em Lisboa e outro no Porto, os serviços de vigilancia e informação, devendo a respectiva remuneração fazer-se nos termos do § unico do artigo anterior.

Art. 5.º — As verbas orçamentais inscritas na tabela de despesas do Ministerio do Interior destinadas á Policia de Segurança do Estado passarão a inscrever-se sob a rubrica: «Policia de Defesa Social».

Art. 6.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Arte cinematografica

Uma prelecção do sr. Rino Lupo

No teatro Politeama realizou ontem o distinto *metteur-en-scène* sr. Rino Lupo, perante uma selecta assistencia, a sua primeira prelecção sobre Arte Cinematografica. Além dos alunos da Escola de Arte Cinematografica, assistiram muitos artistas de teatro, escritores e jornalistas.

O sr. Rino Lupo explicou, duma maneira geral, o que é a arte cinematografica e quais os elementos que nela entram. Deu-nos alguns exemplos de expressões fisionomicas e disse algumas palavras sobre naturalismo e impressionismo.

A sua prelecção foi muito aplaudida.

Os serviços de emigração

Posse de dois funcionarios

Os srs. drs. José Dias de Carvalho e Jacinto de Freitas já tomaram posse dos cargos, respectivamente, de inspector e de secretario geral dos serviços de emigração.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

UMA CARTA

Mais um documento para a historia do regicidio

O sr. Alfredo Pimenta DIZ-NOS

que a geração de 1908 era dirigida e não dirigente

Do sr. dr. Alfredo Pimenta recebemos, a proposito da entrevista que o Diario de Lisboa, *fez ontem com o sr. Rocha Martins, a seguinte carta:*

Sr. director e meu amigo.—No *Diario de Lisboa* de ontem, o sr. Rocha Martins, em conversa com um redactor desse jornal, disse que a minha geração foi culpada da tragedia de 1 de Fevereiro, e dá-me como choramingando no artigo que ao facto consagrei ontem no *Correio da Manhã*. Disse ainda o sr. Rocha Martins que muito tempo depois ainda eu era republicano.

Assim falou o sr. Rocha Martins.

Agora, falo eu.

Não acuso. Defendo a minha geração, porque ela tem defesa, pois nem todos os que a ela pertencem, se manteem solidarios com o presente.

A minha geração era, em 1908, *orientada* e não *orientadora;* era *dirigida* e não *dirigente*, era conduzida, não era ela que conduzia. A minha geração andava a estudar, não fazia politica. Era instrumento da atmosfera, do meio, dos condutores da opinião. A sua voz reproduzia a voz dos homens que actuavam directamente na politica. Os seus actos reflectiam os ensinamentos dos jornalistas, dos tribunos, dos parlamentares, dos escritores. A minha geração não ordenava, não mandava, não imprimia curso aos acontecimentos. A minha geração era levada por quem, intelectualmente, sobre ela actuava.

Como é que o sr. Rocha Martins, que tem a pretenção de ser um investigador historico, um cultor da Historia, responsabilisa a geração do meu tempo que estava a formar o seu espirito, por factos gerados anteriormente a ela? Quem tem a responsabilidade da Revolução Francesa é a Enciclopedia, não é a geração moça de 1789.

A mocidade é a flora virgem onde se deita a boa ou a má semente. Na minha geração, deitaram má semente. Por isso, ela se viu sacrificada, vitima, desgraçada e envenenada. A minha geração manifestou-se contra o convenio. Alguem pode ter a veleidade de supôr que ela entendia alguma coisa do que era o convenio?

A minha geração afirmou-se no ar, como todas as gerações novas—iludida, sugestionada, prevertida, porque os orientadores, os seus dirigentes a iludiram, a sugestionaram, a perverteram. O sr. Rocha Martins diz que deixou os republicanos, quando Fialho de Almeida os deixou. Foi mais feliz, o sr. Rocha Martins, do que a minha geração. Esta lêra os *Gatos*, e aprendera nos *Gatos*—o que os *Gatos* ensinam. E lêra as *Farpas*. E lêra a *Patria*. E lêra, creio eu, o sr. Rocha Martins. E lêra... Mas eu não quero acusar. Quero defender a minha pobre geração, que se vê injustamente acusada por quem tinha a obrigação de reflectir, antes de formular acusações.

O sr. Rocha Martins conheceu os republicanos a tempo? Ainda nisto foi feliz. Eu só comecei verdadeiramente a conhecê-los, depois do 5 de outubro. Os republicanos e os monarquicos. Os homens e os factos. E quando comecei a conhecê-los, comecei a isolar-me e a opôr-me. A minha acção jornalistica dentro da Republica, desde 1911 a 1915, é de oposição sistematica ao desvairamento, á desnacionalização, ao enfraquecimento dos sentimentos colectivos e individuais. Não sou ventoinha—que a voz de um homem faz mudar. As minhas atitudes são produto da reflexão.

Permita-me, senhor director, porque fui acusado, e comigo, uma geração inteira, que eu diga no seu jornal que á medida que fui conhecendo os acontecimentos, fui marcando a minha situação — reagindo. E em 1915, pe-

)Vêr continuação na 8.ª pagina)

A TRAGEDIA DOS POBRES

O quadro lugubre do Hospital de S. José

Não chegam os cobertores!

160 doentes numa enfermaria que só tem logar para 60!

Criadas fazendo de enfermeiras!

O triste casarão chamado "o deposito"—Impõe-se uma nova organização imediata nos Hospitais

De vez em quando os jornais referem-se ao Hospital de S. José.

Que está á cunha?...

E porque está á cunha?

Nesta altura entrevista-se o director dos hospitais. O director actual, que é o sr. dr. Amor de Melo, cuja dedicação pelo serviço e pelo prestigio daquela instituição tem estado distintissimamente á prova, elucida que... não ha espaço.

E por aqui se fica.

Mas o que é necessario pôr deante dos olhos de quem lê, não são as declarações do ilustre director, mas o estado de tristeza, de desolação, quasi de pavor em que se encontra o hospital grande de Lisboa, chamado de S. José.

Nem a boa vontade do pessoal superior e menor, nem os super-esforços de varias pessoas—incluindo ministros se quizerem—tem sido suficiente para resolver aquela questão.

As enfermarias de S. José, na sua maior parte, exceptuando a do dr. Francisco Gentil e uma ou outra rara, são umas espeluncas.

Umas espeluncas!...

Na de S. Francisco ha logar regular para 60 doentes. Estão lá 116!

Ha uma casa chamada *deposito*, cujo deposito é uma especie de arrumação de miseraveis.

Mas isto consente-se? pregunta o leitor.

E' que não pode deixar de se admitir os doentes.

E de duas, uma: ou não se recolhem, e eles ficam por aí—os indigentes—a caír e a propagar as doenças, ou se recolhem e dá-se o espectaculo que se dá.

O edificio não é elastico. Depois a população subiu em Lisboa; logo subiu a sua percentagem de miseria fisica. Da provincia corre-se para Lisboa, a procurar vida.

A Vida é muitas vezes o hospital, *deposito* do refugo social tornado de molestia. Além disso, os hospitais da provincia não têm logar—e então avança-se sobre Lisboa.

Dinheiro, ha o indispensavel, mas é este um caso em que o dinheiro não salva, mas empata. Se aquilo não chega! Se a organização é má!

—Eu estou convencido, hoje mais do que nunca, após dois mezes de administração, que com certo equilibrio e uma reforma de organização feita sem peias, é *relativamente facil* pôr o hospital de S. José num estado satisfatorio...

Isto nos diz o director actual, dr. Amor de Melo. Mas as organizações em reforma ou melhoria é mais dificil de levar a cabo do que conseguir dinheiro — ainda que o dinheiro para vir custe aos directores incalculaveis esforços, apesar da bôa vontade dos ministros.

Três mil doentes são a media da população dos hospitais de Lisboa! Pois não ha acomodações dignas, material, serviços auxiliares, roupas que cheguem para dois terços.

Os laboratorios de analise e radiologia e todos os serviços auxiliares não dão vasão ás necessidades. Os doentes esperam, acumulam-se; a saude periga e até se dão mais obitos do que se podiam dar.

E' logico.

Como ha uma lei travão que não deixa aumentar o pessoal — só deixa aumentar os doentes — segue-se que ha quadros que, devendo ter 29 praticantes têm 9, apenas.

Daí—creadas a fazer de enfermeiras!

Faltam cobertores! Faltam roupas! Não se podem comprar agora porque está tudo caro. Quando se compra? Entretanto os doentes sofrem, não de doença só, tambem de frio! Agora veja-se o que será a alimentação. Um hospital não é um hotel. Em todo o caso é de prever que se o dinheiro falta para tudo, ou chega tarde, falta tambem para a cozinha.

Quem escreve estas linhas foi ha mês e meio correr o hospital de S. José. Dificilmente resistiu. Uma enfermaria onde ha mulheres doentes que têm os petizes de mama ao lado, de aspecto lugubres dignos de uma descrição á Poe. Noutras a acumulação—apezar da desinfecção e higiene possivel—obriga a voltar o nariz. Ha enfermarias que têm o tecto sobre a cabeça dos doentes.

—Mas isto não tem remedio?

—Repito que tem—diz o director—Tenho achado da parte do ministro e dos meus colegas do hospital, como de todo o pessoal, grande e inexcedivel boa vontade. Mas a organização é que é deficiente e essa é que é preciso renovar, mexer, actualizar.

—Quanto dá o Estado?

—7.000 contos. Chega? Com muita dificuldade. Os serviços hospitalares em todo o mundo dão «deficit». Cá parece esquecer-se isto. O que é fundamental, porém, dentro do existente e do orçamento, é que ainda se póde fazer muita coisa boa. Estou disto convencido. Mas é preciso atacar a organização. Desde que os doentes demorem menos, desde que os ricos paguem para os pobres, desde que os serviços auxiliares funcionem com regularidade—é possivel tirar a S. José o aspecto lugubre que o senhor diz lá ter encontrado.

Dissemos, e provamos, e o director teve de concordar. Só quem, por circunstancias da sua vida, perdeu a sensibilidade fisica e moral, consegue curar-se das doenças entrando naqueles casarões que são S. Francisco e o tal *Deposito*.

E eis o que julgamos hoje conveniente pôr diante dos olhos do ministro—tendo evitado descrições exageradas—e diante da atenção do publico.

S. José—é uma vergonha para o Estado e para a capital do país.

Cruzador "Republica"

O cruzador «Republica», que sofreu algumas avarias durante a sua viagem aos Açores por causa do mau tempo, está fazendo essas reparações no porto da Horta; as avarias são no condensador.

MALAS POSTAIS

Pelo «Demerara» são ámanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 9.

Lêr ámanhã:

A primeira carta de impressões de viagem que a brilhante poetiza VIRGINIA VICTORINO escreveu expressamente para o «Diario de Lisboa».

Os Teatros

Ester Leão

Regressou do Porto, onde esteve alguns dias numa casa de saude, a distinta actriz Ester Leão, que fez parte da companhia Palmira Bastos. Ester Leão, que o Porto aplaudiu no «Lorgnon da Avó» e no «Quarter», encontra-se melhor da doença que a acometeu, esperando nós vê-la reaparecer brevemente num dos nossos primeiros teatros declamação.

Henrique Alves

Henrique Alves, galã de comedia e de drama que o publico aplaudiu, há um bom par de anos, na companhia dos Rozas e Brazão; que fez o seu nome não nos jornais com réclames de amigos, mas no palco, lutando, vencendo.

Henrique Alves

conquistando sempre, faz hoje a sua festa artistica com a revista P. A. M., *no teatro Apolo.*

Henrique Alves tem uma galeria de tipos que ele creou e que ainda vivem na nossa memoria, sorrindo ou chorando, com aquela graça ou com aquela tristeza que o seu talento lhes emprestou. Enveredou para a revista Henrique Alves, mas nem por isso o seu temperamento artistico, dos mais completos, se perdeu. A sua individualidade marca; esculpe a vida em creações onde a gargalhada não abstrai a arte. Por isso, Henrique Alves, num género que é inferior ás suas qualidades, continúa mantendo as suas tradições de artista primoroso que trabalhou ao lado das grandes glorias da scena portuguesa.

Que, para ele, a noite de hoje, seja de alegria, de muitas palmas e de muitas flores. Assim o deseja, muito sinceramente, o Diario de Lisboa.

O teatro no Funchal

Escreve-nos do Funchal um «leitor do Diario de Lisboa», *estranhando o juizo pouco lisongeiro que algumas companhias dramaticas fazem do publico daquela cidade. Certas companhias queixam-se de que perderam dinheiro. Se algumas não tiveram a compensação material do seu sacrificio, a atitude do publico funchalense obedece apenas a razões de caracter artistico. As boas companhias têm tido sempre uma compensação, por vezes lisongeira.*

Atrás do reposteiro

Está em ensaios no teatro Chiado Terrasse, para a festa artistica da actriz Maria Clementina, a peça «Assassino de Macario», de Camilo Castelo Branco.

—Amelia Sousa Bastos, a filha mais velha da actriz Palmira Bastos, deve estrear-se como artista dramatica na proxima epoca teatral.

—No «film» português de aventuras que brevemente se estreará em Lisboa, intitulado «Rei da Fôrça», no qual o protagonista é feito pelo atleta português Rui Alves da Cunha, tomam parte os artistas Lina de Albuquerque, Amelia Perry, Carlos Machado, Duarte Silva, o director artistico e o sr. Alvaro Baptista.

—Carlos Santos, que está no Rio de Janeiro há alguns meses, está realizando naquela cidade para o dia 11 dêste mês uma recita em seu favor.

—O actor Teodoro Santos, da companhia Luz Veloso, faz a sua festa no dia 15 do corrente, no Chiado Terrasse, com a peça de grande exito «O Juiz de Fora».

—Entrou em ensaios no teatro de S. Carlos a opera «Bohème».

—A companhia Alves da Cunha está ensaiando uma peça intitulada «O pai da criança».

—Hoje em S. Carlos, em 29.ª recita ordinaria, canta-se mais uma vez a opera de Puccini «Tosca». O director da orquestra será o maestro Pedro Blanch. A'manhã e depois irá novamente á scena «Parsifal», respectivamente em 7.ª recita extraordinaria e 26.ª ordinaria.

—Ester de Sousa, uma das mais inteligentes discipulas da companhia Otelo de Carvalho que está presentemente substituindo uma actriz na revista «Eichinha gata» tem evidenciado dotes artisticos muito prometedores.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

Emprêsa Técnica Industrial, L.da

TEL. C. 854 — **292, RUA AUREA, 292** — TEL. C. 854

REPRESENTANTES DA FÁBRICA

— LANZ —

LOCOMÓVEIS E SEMI-FIXAS INDUSTRIAIS

EM ARMAZEM E A CHEGAR Á ALFANDEGA
GRANDE QUANTIDADE DESTAS MÁQUINAS

PREFERIR O CHÃO SEM FENDAS

"CORTICITE"

(PROPRIO PARA ESTABELECIMENTOS, SALÕES, QUARTOS, CASAS DE BANHO, COZINHAS, TERRAÇOS, ETC.)

É ALIAR O BOM GOSTO — Á ECONOMIA E Á HIGIENE

ORÇAMENTOS GRATIS — ENVIAR PEDIDOS AOS UNICOS FABRICANTES

ESTABELECIMENTOS HEROLD, L.DA

Telefone C.-2720 LISBOA R. dos Douradores, 7-1.º, 2.º e 3.º

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses..... .... 9$00
6 » ..... 18$00
12 » ..... 36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

Leilão de Automoveis

Quem quizer vender os seus automoveis, dirija-se á

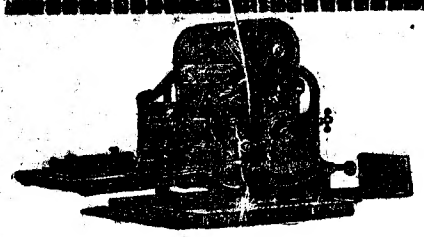
Bolsa Automobilista de Lisboa

na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 122

aproveitando o proximo leilão no dia 5 de Fevereiro.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA — Telefone C. 320 — LISBOA

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. — LISBOA

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:—Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & C.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

ESTRANGEIRO

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & C.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

A REUNIÃO DO CONCLAVE

Será o cardeal holandês Van Rossun eleito novo Pontifice?

Pela primeira vez, desde 1832, eleger-se-ha um Papa não italiano?

As relações entre o Vaticano e o Quirinal

ROMA, 2

Se a escolha do novo Papa depender da questão romana, a eleição do novo chefe levará muito tempo, porque nem o partido dos cardeais, que desejam vêr reatadas as relações com o governo italiano, nem o dos que são intransigentemente contra esse pacto, dispõem da necessaria maioria de dois terços. Os intransigentes, capitaneados pelo cardeal Merry del Val, têm aumentado com tanta intensidade a sua campanha contra o cardeal Gasparri, que este, vendo-se isolado, resolveu ligar-se ao partido da Paz. Por conseguinte, admite-se pela primeira vez, desde 1522, a possibilidade de eleger-se um Papa que não seja italiano. O nome do cardeal Van Rossun, da Holanda, é mencionado com uma certa simpatia pelos cardeais estrangeiros e italianos, sem distinção de partidos.

Corre que os chefes dos dois partidos têm muito poucas probabilidades de serem eleitos. O partido da Paz veria com prazer a nova acção do cardeal Ratti, arcebispo de Milão, e os intransigentes contam com o seu forte campeão o cardeal Laurenti, que tem o apoio, não só do seu partido, como tambem de muitos cardeais estrangeiros, que o conhecem muito pela sua ligação com a Congregação da Propaganda Fide. Os intransigentes baseiam a oposição que promovem ao cardeal Gasparri, no facto de este se ter mostrado oficialmente muito lisongeado pelo interesse do governo italiano com o Vaticano, depois da morte do Papa Benedito XV, e afirmam que essa atitude colocou o Vaticano na falsa posição de ser quasi obrigado a fazer um «rapprochement» entre o Vaticano e o Quirinal.

A congregação de cardeais confiou o serviço das cozinhas ás freiras. Esta inovação causou surpresa, por ser a primeira vez que as pessoas do sexo feminino são admitidas no Vaticano.—(L. A.)

As relações entre a Alemanha e os aliados e a acção de Bento XV

BERLIM, 3

No ultimo discurso pronunciado na capela Sixtina durante as exequias do Papa foram feitas referencias aos desejos que o Pontifice manifestou de que por intermedio do Vaticano se entabolassem negociações entre a Alemanha e os aliados. As propostas do Papa não deram qualquer resultado devido á existencia do tratado secreto entre os aliados que tinha por fim repelir quaisquer propostas de paz que eventualmente fossem feitas pelo Vaticano. Em vista disto, o Papa teve que se limitar a exercer a sua acção no campo da beneficencia, da caridade e do humanitarismo. —(U. P.)

A ELEIÇÃO DO SUMO PONTIFICE

As potencias não podem exprimir nem um simples desejo

Tudo se fará no mais absoluto segredo—Recorda-se uma frase de Rampolla

A eleição do Papa, que preocupa mais humanos do que nenhuma sucessão de imperio temporal, por maior que ele seja, vai revestir-se dum segredo que preparará alguma grande surpresa.

Desde Pio X, eleito porque no Conclave entrou a vontade civil dum imperador, opondo-se á eleição do colaborador querido de Leão XIII, que o silencio absoluto e eterno foi imposto a todos que por qualquer maneira intervierem na eleição do Papa.

Pio X foi talvez o unico que não esqueceu o episodio a que deveu a elevação ao solio pontificio.

No Conclave de 1903, quando Rampolla já era considerado irresistivelmente eleito, o arcebispo de Cracovia, Pyzyna, levantou-se, fez sinal de que desejava falar, tirou da manga um papel e categoricamente pronunciou:

—Em nome de Sua Magestade Francisco José, imperador da Austria e da Hungria, declaro que o meu augusto soberano opõe o «veto» da Austria á eleição de sua eminencia o cardial Rampolla.

A estupefacção reinou na assembleia. Rampolla levantou-se e disse com emoção e desdem:

—No meu interesse particular, agradeço os que afastam de mim uma tão pesada carga. Não obstante, como cardial da Santa Igreja, protesto contra a intromissão dos poderes civis nas coisas eclesiasticas.

* * *

Pio X lembrou-se deste protesto depois de ter cingido a tiara.

Nas disposições eclesiasticas não existia referencia nenhuma, a favor ou contra o direito de «veto» das nações catolicas. No emtanto, algumas nações haviam usado desse processo, para afastarem da cadeira pontifical, os candidatos que lhes não convinham. Assim fizeram algumas vezes a França, a Espanha e a Austria, que renovava em epoca tão recentes um facto usado algumas vezes, nos tempos em que o poder temporal dos reis, estava intimamente ligado ao poder espiritual dos Papas.

A Igreja admitia esta intromissão, sem dúvida, para evitar os graves prejuizos que lhe podiam advir da oposição, ou mesmo da rebelião, duma nação cristã.

Pio X entendeu que não devia consentir esse pseudo-direito, tanto mais que um scisma, em virtude da oposição dum principe, já não é possivel em nossos dias.

Infligiu a pena de excomunhão maior, aquela que não pode ser levantada senão pelo Papa ou em perigo de morte, a todo aquele que levantasse no Conclave a voz a favor de uma vontade civil. As potencias não podem exprimir nem um simples desejo. Quem servir de meio para o transmitir fica, *ipso facto*, fóra da Igreja Catolica.

Além desta medida para alcançar a independencia absoluta dos Conclaves, Pio X lançou tambem a pena de excomunhão maior, *ipso facto*, a todo aquele que relatasse, em qualquer ocasião, fosse o que fosse que se tivesse passado no Conclave. Nem cardiais, nem secretarios, nem os mais humildes empregados pódem eximir-se a esta imposição em qualquer tempo ou circunstancias, nem por palavras nem por escrito.

Antigamente, depois de um certo praso, o segredo deixava de ser obrigatorio. Hoje só o Papa, depois de eleito, póde desobrigar de segredo, se o entender, aqueles que quizer.

A eleição do Papa decorrerá pois no mais profundo segredo. Será a indiscreção jornalistica capaz de o penetrar, quando ele é assim imposto pela fé? Será a maior prova de competencia. A indiscreção é a qualidade jornalistica por excelencia, mas... saber guardar um segredo é a maior qualidade eclesiastica...

O QUE DIZEM OS NUMEROS

O total da divida inglesa em 1921-1922 foi 7.585.409:690 libras

Pela primeira vez, depois da grande guerra, a divida nacional diminui

de 246.334:610 libras sobre o ano antecedente

LONDRES, 3

Pela primeira vez depois da guerra a divida nacional inglesa apresenta diminuição comparada com o ano anterior. Os dados estatisticos dão como total da divida para o ano financeiro de 1921-1922 7.585.409.690 libras contra 7.831.744.300 libras para o ano financeiro de 1920-1921, tendo portanto ficado reduzida de 246.334.610 libras.—(R.).

O governo sovietista

Vai conceder uma amnistia aos que regressarem á Russia

REVAL, 3

Dizem de Moscou que o governo publicará nas vesperas da abertura da conferencia de Genova uma proclamação dirigida aos russos que fugiram para o estrangeiro. Nela se promete uma amnistia geral a todos que regressarem á Russia.—(U. P.).

EM INGLATERRA

A febre aftosa continúa a atacar os gados

LONDRES, 3

Continúa a produzir enormes estragos nos gados a epidemia de febre aftosa que agora se declarou em Inglaterra. O ministerio da Agricultura publicou um decreto proibindo a circulação de gado em dez condados. A epidemia de 1920 estendeu-se apenas a dois condados, mas, apesar disso, o Estado teve que pagar setenta mil libras de indemnização pelo gado morto.—(U. P.)

HOJE, RECITA DE HOMENAGEM a Henrique Alves
Teatro APOLO
P. A. M.
Recita de homenagem ao maestro LUZ JUNIOR ÁMANHÃ

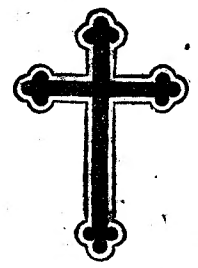
EDEN-TEATRO
Empresa Henrique Barreiros, Limitada — Companhia de revistas de Antonio de Macedo, de que faz parte o actor Nascimento Fernandes
2 — sessões — 2 Tel. 3800
Formidaveis enchentes! Entusiasmo retumbante!
O 31
A mais notavel, aplaudida e representada de todas as revistas
Não ha entradas de favor
Segunda-feira, 6 — Festa artistica de ADELINA FERNANDES com um belo programa e com o quadro de caricaturas da famosa revista «O CEU AZUL».

TEATRO SALÃO FOZ
Todas as noites
Quem quizer rir ás gargalhadas vá vêr o novo quadro
AMOSTRAS SEM VALOR
da revista
Bichinha Gata...
Preços populares
A 2.ª sessão finda á meia noite

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Telef. C. 5063 — Hoje, 6.ª feira, ás 21 horas 25.ª recita ordinaria — A opera de Puccini — TOSCA, sob a direcção de Pedro Blanch, pelos cantores Anita Conti, Bagnariol e Formichi.
A'manhã, Sabado, ás 20 horas em ponto—7.ª Recita Extraordinaria — A grande obra de Wagner PARSIFAL, sob a direcção de Vittorio Gui, pelos notaveis cantores wagnerianos Elisa Bland, Cesa Bianchi, Formichi e Cirino. Grande corpo coral — Coros de adolescentes — Scenarios e panoramas expressamente feitos pelos pintores prof. Renato Tosti e Pignataro

Ludovice, Limitada
Comissões e Consignações
Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa
R. da Madalena, 36, 2.º — Tel. C. 3379
Secção Fiscal
Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais—Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

Lopo de Carvalho
Director do Sanatorio Sousa Martins
Lopo de Carvalho, filho
Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra
DOENÇAS PULMONARES
Calçada do Carmo, 3, 1.º (ao Rocio)



D. Maria Marcelly Garcez de Padua

FALECEU

Fernando de Padua, seus filhos, cunhada, mãe, tios e primos, participam a todos os seus parentes e amigos o falecimento de sua estremosa esposa, mãe, irmã, cunhada, nora, sobrinha e prima e que o seu funeral se realiza ámanhã, 4, pelas 11 horas da manhã, da sua residencia, rua Bernardim Ribeiro, J, 1.º.

Trata deste funeral a agencia Magno.

PORTUGAL LÁ FÓRA

EXPOSIÇÃO
— DO —
RIO DE JANEIRO

Intensificam-se os trabalhos do Comissariado Geral para se obter uma excelente representação no grande "certamen" comemorativo da Independencia do Brasil

Não ha tempo a perder. Os dias decorrem velozmente e os interessados não devem guardar para o ultimo momento a sua inscrição nos registos dos expositores. E quem são esses interessados? São, principalmente, todos os exportadores portuguezes, quer para o Brasil, quer para outro país do mundo. A Exposição Internacional do Rio de Janeiro ha-de constituir uma data memoravel, abrindo novos horizontes á expansão comercial de todos os países produtores. Mas nenhuma outra nação tem maior interesse que Portugal em se fazer representar dignamente, procurando assim conquistar novos mercados ás suas industrias. Não se trata apenas do mercado brasileiro, mas de todos os outros da America do Sul. Ao certamen concorrem as prosperas republicas do continente americano. E' forçoso, é indispensavel que, perante elas, a nação portuguesa se afirme como um povo integrado na civilização moderna, destruindo-se, duma vez para sempre, o descredito que as nossas desavenças politicas nos teem acarretado no estrangeiro. A ocasião é unica: desgraçados de nós se a não aproveitarmos.

O comissariado geral do governo português na Exposição do Rio de Janeiro tem activamente trabalhado para conseguir despertar a nação de uma fatal inercia. Diga-se a verdade: os seus esforços teem sido coroados de exito. Mas este não é ainda completo. Convem que os expositores não demorem a sua inscrição, porque, de contrario, poderão ser prejudicados com a improvisação da ultima hora.

No sentido de exercer uma acção directa de propaganda, o Comissariado fará visitar por brigadas de propagandistas, encarregados de se avistarem com os produtores e instruindo-os ácerca da forma pratica de realizarem a exibição dos produtos do seu fabrico. O Comissariado expediu, sem embargo, milhares de boletins de inscrição para todo o país e são já numerosas as devoluções, devidamente preenchidas. Isso, porém, não impede, claramente, que se tenham dado omissões, que devem ser reparadas pelos proprios interessados, reclamando os boletins á séde do Comissariado, instalado no edificio da Sociedade de Geografia de Lisboa. Tais pedidos serão satisfeitos sem demora alguma e, se o não forem, é porque houve extravio na requisição, que deve ser renovada. Tambem se expede o regulamento geral, primeira e segunda parte, onde tudo vem pormenorizadamente explicado.

A reunião do Conclave

Os cardiais recolhem á "Capela Paulina" ás 18,30 horas de ontem

ROMA, 3

A's 17,30 de ontem começaram as operações para a reunião do Conclave. O marechal do Conclave, acompanhado por varios cardiais, verificou que estavam fechadas todas as portas interiores, ficando os cardiais definitivamente fechados ás 18,30.

Foi em seguida redigida a acta do encerramento, fechando-se tambem os aposentos do marechal do Conclave emquanto os cardiais assinavam a acta.—(H.)

CARTAZ

S. Carlos — A's 21 — 25.ª recita de assinatura ordinaria «Tosca».
Nacional—A's 21—«O centenario».
S. Luis—A's 21—«A Moreninha».
Politeama—A's 21,30—«A 8.ª mulher do Barba Azul».
Avenida—A's 21—«O Toureador».
Apolo—A's 21—«P. A. M.»
Chiado Terrasse—A's 21—«O Juiz de Fóra».
Eden-Teatro—A's 20,30 e 22,30—«O 31».
Salão Foz—A's 20-30 e 22-30—A revista «Bichinha gata...».
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«O remorso».
Teatro dos Anjos—A's 20,30—Companhia de variedades.

POLITICA SUSPENSA

EMQUANTO O DR. AFONSO COSTA NÃO DIZ QUE NÃO...
tudo se inclina para uma solução democratica

Três opiniões opostas: falam os srs. Sá Cardoso, Vasco Borges e Antonio Mantas

A' 1 hora e meia da tarde no ministerio do Interior ha um policia, um continuo e o tenente sr. Rosa Mateus.

Quando se está em crise — os estuarios da politica secam. Fazem-se hipoteses pela rua.

—Então quem segue agora?

—Para cair? Sabe-se lá...

—O Afonso?

—Só se fosse tolo é que vinha cá.

E' assim o tipo medio das conversas.

A verdade é que o sr. dr. Afonso Costa não tinha respondido até ao meio dia ao telegrama do sr. presidente da Republica. Algumas pessoas dão noticia de terem ouvido ou lido ha dias que o antigo chefe democratico fôra para Londres, com o sr. Urbano Rodrigues. Se assim foi, justifica-se mais ainda a demora na resposta do dr. Afonso Costa, resposta que — afiançam varias pessoas e suspeitam muitas outras—é negativa.

Toda a politica, que está parada oficialmente até vir o telegrama-resposta a que estamos aludindo, gira em conversas já sobre esta frase: o dr. Afonso Costa diz que não. Mas emquanto o dr. Afonso Costa não diz que não, dizem alguns politicos de sua justiça.

* * *

O sr. Antonio Mantas, ex-politico liberal, ex-deputado, ex-governador civil de Faro.— Entra no salão de estuque do Interior e interroga:

—O Presidente?

—A almoçar,

—Nós intervimos e resumimos para o leitor:

—Venho de Faro. Deixei tudo arranjado. Aquilo estava por lá muito mexido. Mas por fim os partidos tomaram um caminho de decisão. Os liberais deixaram as suas pendencias. Entenderam-se. Foi melhor assim...

—Mas os monarquicos dizem...

—Os monarquicos ganharam alguma coisa e traziam gente se os liberais se desunissem, como tencionavam, antes de eu chegar ao Algarve.

—E o governo?

—E o governo?—pregunto tambem eu.

—Quem sobe?

—Está indicado: os democraticos. Mas...

—Diga.

— Os partidos tinham só uma cousa a fazer, considerando nos grandes serviços prestados por Cunha Leal á ordem publica, aos politicos, até aos partidos, socegando o país e tornando possivel a normalidade: dizer-lhe que governasse, ele só, com autorizações parlamentares, seis meses administrando, administrando que é o que é preciso.

— Mas o Parlamento certamente irá trabalhar.

— Não creio. O Parlamento não trabalhará. Verá. Oxalá eu me engane.

* * *

O *sr. dr. Vasco Borges, deputado pela Guarda, e antigo ministro; redemocratico.*— Passa pela rua do Ouro e vai apressado.

—O dr. Afonso Costa ainda não tinha respondido até ha bocado.

— Crê que...

— Não creio nada...

— Supõe-se que agradece e declina.

— Talvez.

— Então uma solução democratica, não?

—Está visto. Para executar o programa minimo indispensavel, e que os partidos se comprometeram a levar á pratica.

—A antiga doutrina de v. ex.ª...

—Exacto. Para atenuar os males da falta de continuidade governativa, os partidos tomariam o compromisso formal de respeitar e executar o mesmo programa minimo.

—E o país? Receberia bem o gabinete só democratico?

—Bem vê. Os democraticos tomarão uma atitude conciliadora. Posso afirmar que procurarão um acordo parlamentar, com os liberais, principalmente... Mas tudo depende da resposta do Afonso.

—Ah! Claro...

O sr. coronel Sá Cardoso, reconstituinte, antigo presidente de Governo.— O sr. Sá Cardoso é dos politicos mais gentis, apezar de já não ter trinta anos, do regime que os monarquicos pretendem depôr. A elegancia exterior reflecte muita vez a elegancia moral. Sai as escadarias soturnas do Interior.

— A politica?

— Não sei. O dr. Afonso Costa não tinha respondido até ás 4 horas da manhã.

— E...

— Não sei se acederá. Creio que não.

— Presidiria a um gabinete democratico?

— Não! Isso não! A um gabinete de concentração. Foi isso que o partido reconstituinte indicou ao sr. Presidente da Republica.

—Mas os gabinetes de concentração não têm provado bem...

—E' necessario organizá-lo desta vez para levar a cabo a obra minima e urgentissima de administração.

—A opinião dos reconstituintes?...

—E' essa. De resto os reconstituintes estão por tudo. Comtanto que isto marche.

—Ficariam então na oposição os monarquicos?

—Sim, e os independentes e um ou outro. Quem quizesse.

—Então, gabinete democratico?

—Não me parece bem...

* * *

Os navios ingleses... Com o acontecimento do passado e do não embandeiramento escreve-se, explica-se, executa-se, interpreta-se. O que está apurado é que Sir Carnegie teve todo o interesse em não deixar descoberto o prestigio português. O almirante Fergusson é que não poude, á face do regulamento — diz-se — prestar as honrarias que o orgulho republicano exigia. Será assim? E a proposito, não tem deixado de haver quem note a atitude, muito digna, do sr. dr. Julio Dantas nesta tempestade num copo de agua.

* * *

O sr. Cunha Leal deu hoje ordem telegrafica, que seguiu, para ser demitido o sr. Julio Ribeiro, do logar de governador civil de Coimbra. Porquê? Por causa de uma carta—ouvimos.

Pediu a demissão o sr. governador civil de Santarem.

* * *

Uma informação: Para a chefia do gabinete democratico que se crê possivel, fala-se nos meios altos da politica—e com fundamento—no nome do sr. dr. José Domingues dos Santos, em vez do sr. Antonio Maria da Silva. O sr. dr. Domingues dos Santos representa uma facção activa—que outros chamarão tumultuaria—do partido democratico, mas de peso.

Tambem se fala e o *Diario de Lisboa* afirma que se fala, numa solução ditatorial com o sr. Cunha Leal, com uma autoridade civil muito de nomeada, e com um outro nome que nem sequer queremos citar. O que é provavel é que nenhuma das pessoas visadas tenha sequer conhecimento do facto.

DE LUTO

D. Izaura de Andrade Soares

Missa do setimo dia

Reseu-se hoje na paroquial igreja da Estrela, pelas 11,30, uma missa sufragando a alma da sr.ª D. Izaura de Andrade Soares, esposa do sr. dr. Anibal Soares, ilustre director do nosso colega *Correio da Manhã*.

Ao piedoso acto assistiram, além do viuvo e diversas pessoas de familia, as senhoras:

Viscondessa de Asseca, D. Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornelas e Vasconcelos, D. Margarida da Mota Canavarro.

E os srs:

Visconde de Asseca, conselheiro Ayres de Ornellas, Policarpo de Azevedo, Manuel Figueira Freire da Camara, dr. Artur Morais de Carvalho, Antonio Brandão de Melo, Alfredo Pimenta, Saturio Pires, Mario Martins, Julio de Mesquita, Luis Trigueiros, Cunha Belem, Carlos de Vasconcelos e Sá, e todo o pessoal da *Correio da Manhã*.

O sr. conde de Sabugosa, não poude comparecer devido a um caso de força maior,

D. Maria Marcelly Garcez de Padua

Faleceu hoje a sr.ª D. Maria Marcelly Garcez de Padua, esposa do sr. dr. Fernando de Padua. O funeral seirá da casa da sua residencia, rua Bernardim Ribeiro, 7, 1.º, ámanhã, pelas 11 horas.

O 19 DE OUTUBRO

EM VOLTA
— DAS —
INVESTIGAÇÕES

Admite-se esta hipotese:— Ainda hoje se devem efectuar algumas prisões de individualidades em destaque, o que vem confirmar a nossa noticia de ontem

Até á hora a que escrevemos ainda não se realizaram as prisões de algumas individualidades que se dizem implicadas nos acontecimentos de 19 de Outubro. Em face de algumas noticias que vieram a lume na imprensa, o sr. Cunha Leal teve uma demorada conferencia, no ministerio do Interior, com o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, a que assistiram tambem os srs. ministro da Justiça, governador civil de Lisboa e dr. Trindade Coelho.

O sr. Cunha Leal, mais uma vez, significou o seu apoio ao sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, dizendo-lhe que podia mandar prender imediatamente qualquer pessoa que esteja envolvida nos crimes de 19 de outubro, seja qual fôr a sua categoria ou posição social.

Esta determinação foi motivada em virtude de ter corrido o boato de que tais prisões já não se efectuavam, em consequencia de o governo se encontrar demissionario.

O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque, depois da conferencia que teve com o chefe do governo, dirigiu-se para o Quartel General, a fim de continuar os seus trabalhos. Admite-se a hipotese de ainda hoje se efectuarem as prisões que o *Diario de Lisboa* ontem anunciou. Até á hora de fecharmos o nosso jornal, ainda não tinham sido feitas as respectivas requisições aos ministerios da Guerra e da Marinha—conforme se trate de oficiais do exercito ou da armada.

Uma carta do sr. dr. Alfredo Pimenta

(Continuação da 5.ª pagina)

rante a queda da situação Pimenta de Castro — decidi-me.

Antes do 5 de outubro—eu não podia ingressar na monarquia. Porquê?

Primeiro, porque a Republica se não revelára, e eu cria na sua viabilidade, na sinceridade dos seus *representative-men*, e assistia ao que faziam e ao que diziam os partidos monarquicos. E não só por isso. Tambem teria medo, se pelo meu espirito passasse a ideia desse ingresso, da acusação de interesseiro, de querer aproximar-me do Poder, ou de quaisquer beneficios que pudesse colher a minha inteligencia e o meu valor. Quantas vezes me não têm acusado de me ter vendido aos monarquicos? Eu — vendido! O que teriam dito de mim se eu tivesse enfileirado com os monarquicos, durante a monarquia, ou com os republicanos, durante a Republica!

Fui republicano, quando isso representava sacrificio e desgosto. Entrei na monarquia, quando esse facto trazia mais sacrificio e mais desgosto do que ser republicano na oposição. Só Deus sabe os sacrificios e os desgostos de toda a ordem que através a minha vida tenho colhido, porque quero ser coerente com o meu pensamento. Se fosse licito a um homem na minha situação falar em publico nas intimidades da sua vida—não haveria uma voz, uma só!, dentre as vozes minhas mais crueis adversarias, que se erguesse contra mim.

E eu calculava que o sr. Rocha Martins o soubesse...

A minha geração! Vinha de longe a corrente que lhe formava o espirito, a fôrma que lhe moldava a feição.

Na epoca em que ela não era senhora dos seus pensamentos, tambem não era senhora dos seus actos.

Hoje, sim. Os acontecimentos estão aí bem patentes. As realidades estão aí bem á vista. Dos seus actos de hoje, é responsavel. Das suas palavras de hoje é responsavel. Das suas solidariedades de hoje, é responsavel. Mas do que fez, quando, ainda nos bancos das escolas, estava nas mãos dos oleiros mentais—quem pode responsabilizá-la? Nem mesmo a sua quasi totalidade se encontrava no local dos factos. Faziamos o que faziamos pelo que liamos. E o que liamos nós? Mas eu não acuso. Defendo a minha pobre geração.

Creia-me, sr. director, com a melhor consideração

Alfredo Pimenta